

ASPECTOS RELEVANTES NO ESTUDO DA DIVISA ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA

Alessandro Carvalho Sales¹

Resumo

Este trabalho apresenta reflexões acerca de quatro pontos fundamentais que permeiam o estudo da divisa entre o Jornalismo e a Literatura: o Jornalismo que fica, o Jornalismo como gênero literário, uma retrospectiva histórica de suas inter-influências e a Literatura que corteja o Jornalismo.

Abstract

This paper shows some ideas about four fundamental points concerning to the study of the edge between the Journalism and the Literature: the Journalism that remains, the Journalism as a literary genre, a historical retrospective of their inter-influences and the Literature that courts the Journalism.

Palavras-Chave: Jornalismo. Literatura. Gênero literário. Realismo social. Novo Jornalismo. Livro-reportagem.

1. INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Jornalismo e Literatura. Duas palavras fortes e belas. Belas porque são representativas, através de formas até muito próximas, daquilo que é obra suprema da criação humana - a arte.

A magnitude da arte, aliás, impressiona. São legítimos os mais diversos meios de tradução do pensamento e do sentimento humanos, mas, sobremaneira, as manifestações artísticas geradas em forma de texto escrito.

Ora, há certas nuances, relacionadas à arte escrita, que, definitivamente, seduzem. Antes de mais nada, um certo grau de simplicidade e facilidade, já que bastam a pena, o papel e o pensamento - elementos básicos para a consecução da arte escrita, que estão (ou deveriam estar) sob o domínio

de todos - para que o autor possa expressar sua verve, talento e criatividade. Há também, portanto, presteza quando se quer mensurar os resultados através das opiniões de uma audiência - é suficiente que eles sejam lidos por uma platéia que conheça o mesmo código no qual o texto foi elaborado. Estas duas características, no aparato necessário para a criação da peça e na sua apreciação depois de pronta, adjetivaram a estética das palavras como milenar.

Tanto o Jornalismo quanto a Literatura são autênticas searas da arte escrita, desde que suas manifestações, em forma de textos, estejam agraciadas com o selo da qualidade. Em que consiste, entretanto, esta qualidade? Os mais incautos, inclusive, até reconhecem a Literatura como arte, mas, certamente, não vislumbrarão no Jornalismo, em momento algum, qualquer apelo artístico. Por outro lado, por que o Jornalismo não pode também ser classificado como Literatura, já que as duas áreas se intersectam, óbvia e nitidamente, naquilo que diz respeito ao meio de expressão comum, a palavra escrita? O Jornalismo bebe na fonte da Literatura ou a Literatura é que, muitas vezes, molha os lábios na torrente do Jornalismo?

Estas inter-relações entre Jornalismo e Literatura têm sido, portanto, um terreno fecundo para discussões e controvérsias. Muito tem sido feito no sentido de tentar desmistificar e consensuar certos pontos sobre o assunto. O presente trabalho objetiva, então, reunir, de uma forma lógica e didática, os principais pontos geradores deste debate e, à luz de uma série de argumentos e ponderações, tenta chegar a considerações que, longe de pleitearem uma representação de um ponto final sobre a matéria, refletem particular ponto de vista, capaz de, espera-se, servir como insumo para novas teses.

O esforço de pesquisa realizado gerou, como resultado, reflexões acerca de quatro pontos básicos, relativos aos questionamentos acima expostos. Princípios por caracterizar a classe de Jornalismo que, a despeito da variável tem-

¹ Aluno do V semestre do Curso de Comunicação Social e bolsista do PIBIC.

po, consegue afirmar-se como perene. A seguir, ele é classificado como gênero literário, esclarecendo-se o porquê desta tipificação. Apoiando-se no historicismo, uma retrospectiva tentará, então, resgatar, cronologicamente, momentos importantes tanto para a Literatura como para o Jornalismo, mostrando inclusive que este, quando da sua gênese enquanto área de domínio próprio e específico, embriagou-se na fluência daquela. Ainda sobre este quesito, apresenta-se uma eficaz inovação: a elaboração de um esquema gráfico que visa a, didaticamente, bem transparecer as históricas vinculações entre as áreas em juízo. O tópico seguinte apresenta o reverso da medalha, através de exemplos típicos em que a Literatura se apropria de marcas inerentes ao Jornalismo. Finalmente, teceremos algumas palavras à guisa de conclusão.

2. O JORNALISMO QUE FICA

O jornalista responde pelo ofício dentro de uma redação que, muitas vezes, assemelha-se a uma panela-de-pressão. Isto porque variáveis como o poder, a opinião pública, o tempo e o espaço combinam-se como que a maltratar o pouco de juízo que aquele profissional ainda possa ter. Observe-se, contudo, que as duas primeiras incógnitas não cerceiam diretamente a plástica da criação jornalística. São aspectos que colocam em xeque a postura ética do repórter, ao passo que as incógnitas tempo e espaço, estas sim é que influem decisivamente na sua postura estética.

O profissional jornalista, pois, é aquele que, a despeito dos fatores limitantes enumerados, transmite segurança e profundidade nos temas de que trata e elabora seus produtos com conteúdos que podem ser encarados como pequenas obras da expressão artística escrita. Que requisitos o gênero jornalístico deve, então, atingir para que seja considerado Literatura? Como relevar as dificuldades impostas por aquelas limitações?

Antes de tudo, é necessária uma profunda consciência acerca desta questão - encarar o Jornalismo como uma área em que se produz algo que pode ficar. Ora, às vezes, tem-se até a impressão de que o repórter escreve a matéria achando que aquela notícia, no dia seguinte, poderá estar servindo de embrulho para as frutas do mercado central ou como instrumento para tornar mais resplandecentes as vidraças dos prédios da cidade. Pensam que as notícias escritas, assim como o jornal que as veicula, têm uma característica efêmera extremamente forte. Cuidado. Não se deve confundir a contidência com o continente, o corpo com a alma, a aparência com a essência. Isto porque aqueles escritos, onde se relatam os acontecimentos cotidianos e que formam um todo chamado jornal, são trocados, diariamente, por outros mais recentes e atualizados, o que parece dar, ao sentido das palavras, a mesma vida breve que caracteriza o jornal como papel que vai servir de embrulho de feira, de lustra-vidraças, que é rasgado e jogado fora. Esta é uma impressão tremendamente errônea, uma vez que o sentido das palavras independe do

veículo que o divulga, podendo, pois, ser obra dotada de perenidade.

O pensamento do profissional da redação, por conseguinte, deve ser imaginar e lembrar que, de acordo com a qualidade do que produziu, muitos leitores até recortarão e guardarão os escritos, a partir do momento em que, sendo temas de interesse, bem trabalhados e redigidos, lhes tenham agradado, transmitido emoção. Argumentando um pouco mais, lembre-se também a perenização de toda e qualquer informação de jornal, concretizada através dos bancos de dados das empresas jornalísticas e das bibliotecas, por exemplo. Fundamental, agora, que se diga - o produto jornalístico é tão mais perene, quanto maior é sua qualidade e esta, por sua vez, é diretamente proporcional ao domínio que o autor tem da língua ou, por outra, da sua capacidade em criar e acreditar no seu estilo particular.

É absolutamente relevante a linguagem utilizada pelo jornalista. Importante para gerar feito particular ao texto, de tal forma que a obra tenha vida, tenha suas pitadas de emoção, de sentimento, claro, no ponto certo, para que também não se caia num sensacionalismo besta. O lugar-comum afirma que o repórter tem de trabalhar apenas com objetividade, com frieza e calculismo. Agir somente assim é trazer o Saara para a seara do Jornalismo, quando muitas redações são engolidas com autênticas tempestades de areia e aridez. Não, não é este o caminho. Repórter tem bom senso, mas também tem alma, sensibilidade. Além disto, tem ainda, a seu serviço, a língua. É possível, portanto, aliar clareza, transparência, eficácia, com o humano, a arte, a beleza. Basta, para tanto, o uso de uma linguagem pessoal, com estilo, correta e inteligente. O prêmio será a conversão de uma notícia, inicialmente simplória, gratuita, em algo que tenha essência, que comunique a informação, mas também a sensação e o sentimento. Neste caso, o sentido de perenidade é o ganho maior. O profissional jornalista não se deixa levar pela facilidade na expressão - muito por outro lado - consegue levar a cabo o exposto, mesmo que, aos olhos mais míopes e incautos, seja cerceado pelo espaço e pelo tempo. Cria-se, assim, um Jornalismo mais literário.

Lógico, a linguagem é a arma maior de que se utiliza o jornalista durante o combate travado no cotidiano das redações. Através dela, seu recurso maior, imprime pensamentos, sentimentos, conta os acontecimentos do dia-a-dia, impõe qualidade no que escreve. Sendo assim, as próprias escolas de Comunicação têm de saber trabalhar tamanha obviedade (nem sempre notada, apesar de tudo) no seu corpo docente e discente.

O jornalista tem também uma interessante característica: a de normalmente trabalhar com esquemas, nunca esquecendo de responder a algumas perguntas fundamentais, aprendidas nas escolas de Comunicação. Alguns alertam que tais esquemas estariam totalmente em contraposição à tarefa do escritor. Este não se utilizaria de esquematizações, mas tão somente do seu impulso criador, como artista que é. Não há senso nestas ponderações. Ora, é bem verdade que o escritor usa e abusa, como combustível do ofício, da criati-

vidade. Mas mesmo esta é fruto de exaustivo pensamento, de profundas elucubrações, de pacientes meditações. E, não pairam dúvidas, as esquematizações estão presentes, até mesmo como resumos organizadores do que se escreveu ou do que se está por escrever. Indo além, os esquemas são elementos muito importantes na explicação, na exemplificação, na modelação do pensamento. O fato é que tanto um (o escritor) como o outro (o jornalista) se valem destas formas de esboço para chegarem aos resultados desejados.

3. O JORNALISMO COMO GÊNERO LITERÁRIO

Foram vistas, portanto, no capítulo anterior, algumas características dum Jornalismo mais perene, feito à luz da clareza, da transparência, da eficácia, da profundidade, mas também do sentimento, do que é inerente ao ser humano, e tudo isto alinhavado num estilo de linguagem que pode muito bem ser simples, mas que deve ser agradável, correto, pessoal. Este Jornalismo pode e deve ser tratado como gênero literário.

Torna-se necessária uma definição para Literatura. Recorramos a Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde:

*“Literatura é toda expressão verbal com ênfase nos meios de expressão. (...). Mas a palavra com valor de fim e não apenas com valor de meio.”*²

Expressão verbal porque, logicamente, é pelo uso da palavra que a arte literária se exprime. Mas esta palavra tem valor como um fim, não apenas como um meio. Ora, em áreas como a História, a Matemática, a Biologia, a Química, a palavra é um mero instrumento através do qual o autor tenta atingir seu objetivo, qual seja, o de repassar, via palavra, os conhecimentos concernentes àquelas áreas. Na Literatura, a palavra é um fim em si mesmo.

É interessante observar o valor atribuído, pelo pensamento, à palavra escrita. Ela vale pelo seu significado, pela sua estética, pela sua sinestesia, pela sua expressão. Vale pelo que ela quer dizer e diz, seja em prosa, em verso, diálogo ou monólogo, oral ou escrita. Sim, a Literatura é a arte da palavra. Note-se, todavia, que ao se colocar a palavra como um fim, outros fins não são excluídos. Diz Alceu Amoroso Lima:

*“A Literatura faz dos meios um fim, mas sem excluir outros fins.”*³

Tanto é assim, que existem matemáticos-escritores ou sociólogos-literatos. Tudo é Literatura, desde que o meio seja também um fim, isto é, desde que a palavra tenha boa expressão, tenha estilo, tenha seu valor estético, represente, enfim, um fim.

Há pouco, discutia-se como age o profissional jornalista. Como visto, este se apóia na transmissão dos acontecimentos pelo uso da palavra, mas uma palavra que tenha esti-

lo, que tenha expressão, que cause sinestesia. Não será isto, então, uma forma de Literatura? Neste caso, a palavra tem, também, finalidade dupla: transmitir a informação ao leitor, mas fazê-lo de modo singular, estilizado, agradável.

Sim, esta classe de Jornalismo é Literatura. Há, claro, um certo tipo de Jornalismo que não é Literatura, da mesma forma que nem todo conto, nem toda poesia, nem todo romance podem ser considerados Literatura. O Jornalismo de qualidade fica, não passa, não é efêmero. Efêmero, em verdade, é o que, por não causar qualquer boa impressão, por não marcar, por não conseguir penetrar numa realidade, vai embora. Este bom Jornalismo fica. E é também Literatura.

4. RETROSPECTIVA HISTÓRICA

1. O Jornalismo em relação à Literatura ao longo dos tempos

A Literatura veio mesmo antes do Jornalismo? Quando, então, surgiram os primeiros traços (ou as primeiras linhas) do Jornalismo, tal qual ele é hoje concebido? Como se deu este processo? Utilizemo-nos da metodologia historicista.

A Literatura data de longo tempo. A linguagem escrita surgiu como uma evolução natural, milhares de anos atrás, da necessidade que o homem tinha (e tem) de se comunicar, de transmitir seus pensamentos e sentimentos. O homem criou seus códigos, seus alfabetos e, através de signos, passou a representar sua emoção e sua dor, sua alegria e sua tristeza, seu amor e seu ódio. Podemos citar, como exemplos clássicos, o que se produziu através da escrita cuneiforme (povos da Mesopotâmia) e dos hieróglifos (egípcios). Eram os primórdios da Literatura.

De lá pra cá, com o progressivo desenvolvimento e sistematização dos códigos lingüísticos, muita Literatura surgiu. Muitos desses escritos, inclusive, se identificam com importantes documentos históricos, narrando, entre outros fatos, conquistas e feitos de grandes povos (Jornalismo?). Exemplifica-se. Começando pela Mesopotâmia, tem-se o *Código de Hamurábi*, o primeiro grande código jurídico de que se tem notícia; o *Hino ao Rei-Sol*, feito durante o reinado reformador do faraó egípcio Amenófis IV; A *Bíblia*, no seu Antigo e Novo Testamento, dos hebreus; a cultura grega, que nos fornece uma lista muito extensa mas, dela, extrairemos a *Ilíada*, a *Odisséia*, a *Teogonia* e variadas contribuições para a Filosofia e a Ciência; a civilização romana colaborou com a *Eneida*, de Virgílio, os poemas de Horácio e Ovídio, os escritos históricos de Tito Lívio, Tácito, Suetônio e Plutarco, além dos trabalhos de Cícero.

Todos estes exemplos alicerçam-se, como era a regra da época, na eloquência das palavras, na correteza das frases, na facilidade e beleza do estilo, ao narrarem as aventuras de seus heróis, as conquistas dos imperadores, os casos

² Alceu Amoroso Lima, *O Jornalismo como Gênero Literário*, p. 34.

³ Alceu Amoroso Lima, *op. cit.*, p. 36.

de amor, comédias e tragédias que realmente tomaram lugar no tempo e no espaço. Repórteres daquelas épocas, figuras como os apóstolos, Homero e Virgílio, só para citar alguns, anteciparam o Jornalismo.

Começando a Idade Média, o tema em questão passa a ser quase que um privilégio da Igreja, a instituição mais rica e poderosa da era feudal. Ela, sequiosa por manter o seu domínio, exerce extrema censura sobre tudo o que se escreve, usando, inclusive, de veículos como a inquisição e a venda de indulgências para a conquista dos seus objetivos. O placar do jogo é revertido ainda ao final deste mesmo período histórico, por conta do Renascimento. É uma fértil data em que a Literatura recebe fomentos de toda sorte. Dante Alighieri escreve *A Divina Comédia*; Giovanni Boccaccio publica *De Camerone*; Maquiavel, *O Príncipe*; Rabelais, *Gargântua e Pantagruel*; Thomas Morus, *Utopia*; Shakespeare, *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *Sonho de Uma Noite de Verão*; Cervantes, *Dom Quixote de La Mancha*; Erasmo de Roterdã, *O Elogio da Loucura*; Camões, *Os Lusíadas*. Dentre os citados, alguns, mais uma vez, podem e devem ser considerados jornalistas do seu tempo, já que usaram da pena para registrar, sob a forma de romances ou poemas épicos, fatos que foram realidade. Retratavam, através das palavras, o real.

Objetivamente, agora, será dado um salto no sentido de que se encontre, na Literatura, a finalidade nítida do registro da realidade. E esta fidedigna reprodução da realidade pode ser, originalmente, observada no romance *Joseph Andrews*, de Henry Fielding, publicado em 1742, na Inglaterra. A seguir, o mesmo Henry Fielding, tomou a mesma linha ao publicar *Tom Jones*. Aí está o nascedouro de uma Literatura chamada de realismo social, típica do século XIX, escola seguida por Daniel Defoe, Samuel Richardson e Smollet, quando todos se utilizaram do romance como forma de expressão, até mesmo porque este acabava de conquistar a posição de importante gênero literário. O realismo social recebeu importantes contribuições de Cervantes e Rabelais, e atingiu o apogeu através da expressão de Balzac, Dickens, Mark Twain, Dostoiévski, Tolstói e outros.

Uma nota importante: é exatamente por esta época, metade do século XIX, que a imprensa norte-americana e europeia está tentando ascender.

Enquanto isto, o relato das ocorrências, a observação do cotidiano de uma sociedade em transformação, que se atualiza, cresce e se moderniza vão representando o objeto de trabalho dos escritores do realismo social. A prova é tamanha, que Thackeray era considerado o cronista de Londres na década de 1840 e Balzac, o de Paris. Os críticos, aliás, comparavam as obras dos realistas sociais com o cotidiano, no intuito de mensurarem a qualidade dos trabalhos.

O realismo social europeu, entretanto, começaria a decair por volta de 1870, quando achou-se que a Literatura

feita estava sendo muito cerceada pela realidade, corroendo aquilo que poderia surgir mais acentuadamente de ficcional, de imaginário, de místico e de mítico. À medida, contudo, que o tema vai caindo em desuso na Europa, ele vai crescendo do outro lado do Atlântico, até que, nos anos 30, William Faulkner, John Steinbeck, Ernest Hemingway, William Saroyan e Erskine Caldwell darão grande destaque ao realismo social.⁴

O espaço dos acontecimentos, agora, é o Brasil. O tempo tomado vai de 1850 até, aproximadamente, o fim do século XIX. O realismo, levando-se também em consideração sua vertente naturalista, toma conta da pena dos nossos romancistas. A veracidade, a contemporaneidade, detalhes específicos, lentidão narrativa e denúncia das injustiças sociais são aspectos presentes na Literatura de Machado de Assis, Raul Pompéia, Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha, Domingos Olímpio, Manuel de Oliveira Paiva, Inglês de Sousa.

Ora, é esta a época em que a imprensa, também motivada por ganhos industriais, começa a se dar e a ter seu valor reconhecido. É também quando numerosos escritores cedem a pena à arte jornalística, tentados não apenas pelo lado monetário (pelo menos àquela época), como também pela busca do reconhecimento. Muitos jornais, inclusive, deixam espaço reservado e específico para a própria Literatura, na forma de folhetins e suplementos literários. Alguns dos nossos escritores românticos foram precursores deste acontecimento - Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo. Quando o realismo se instalou como escola literária vigente, a grande maioria dos seus escritores colaboravam também em jornal.

Os fatores acima registrados nos deixam à vontade, portanto, para concluir que, nos primórdios da imprensa, Literatura e Jornalismo quase que se confundiam. O Jornalismo, parido a partir da Literatura, e sendo também exercido por literatos, era um Jornalismo agradável, flexível, com estilo, uma vez que as pressões típicas que sofre o repórter, relativas a tempo e espaço, não se faziam sentir ainda tão fortemente e, por outro lado, a linguagem utilizada estava impregnada daquela estética e do sentimento típicos de um escritor. É verdade, por outro lado, que a precisão, a segurança, a concisão não eram perfeitas - as técnicas jornalísticas propriamente ditas ainda estavam principiando. Outros exemplos desta rica safra: Olavo Bilac, Medeiros de Albuquerque, Adolfo Araújo, Alphonsus de Guimaraens, Euclides da Cunha. Eram, na realidade, mais escritores do que jornalistas.

A justaposição entre Jornalismo e Literatura começou a se dissociar no início deste século. As relações capitalistas, cada vez mais patentes na produção de quaisquer trabalhos jornalísticos, confirmam as mudanças.

A tendência, então, passou a ser outra. Como já comprovado, as primeiras peças jornalísticas vieram com um teor literário consideravelmente alto. Depois deste período, quando a interseção entre os dois conjuntos representava a sua

⁴ Fonte para observações sobre o realismo social: Edvaldo Pereira Lima, *Páginas Ampliadas - O Livro-reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura*, pp. 135-141.

própria união, o Jornalismo começou a ganhar um corpo cada vez mais específico, características próprias, e foi se dissociando da Literatura. Com as empresas e indústrias jornalísticas crescendo cada vez mais, consolidando-se dentro dos requisitos do modo de produção capitalista, exigindo uma especialização progressivamente maior dos seus profissionais, reclamando por resultados rápidos, limitando o tempo e o espaço disponíveis para o jornalista, uma série de conseqüências sobreveio. A quantidade de informações a ser trabalhada era muito grande, o que, por vezes, comprometia a qualidade. O profissional da imprensa acaba deixando-se levar por estas dificuldades (tempo, espaço, produzir em quantidade) e seus resultados terminam, numa boa parte das vezes, sem graça nem estilo. Naquele momento, a regra, portanto, baseava-se em jornais e profissionais que tratavam suas notícias a um completo sangue-frio, com indiferença até. Bem verdade que as técnicas jornalísticas já estavam praticamente consolidadas, mas o que faltava era justamente o que antes havia em excesso: aquela pitada de valor estético e humano. Nesta fase, portanto, o Jornalismo, em princípio, se separou totalmente da Literatura, e o que se produziu foi um Jornalismo meio que pobre e chato. Foram, em verdade, muito mais jornalistas do que escritores.

Depois deste período mais árido, o tempo principiou a melhorar por volta desta última década de sessenta, quando, amadurecido, o Jornalismo, sem perder seu instrumental próprio, sua já bem definida especificidade, consegue, em termos de qualidade, produzir exemplos do mesmo nível da narrativa literária. Era o equilíbrio que se procurava. Para tanto, aprimorou a forma de expressão, de um lado, e o potencial de apreensão do real, de outro. Um movimento (alguns recusam esta alcunha) chamado *new journalism* deu o tom para que esta realidade se efetivasse. Sobre este assunto, comenta Edvaldo Pereira Lima:

“O new journalism resgatária, para esta última metade do século, a tradição do jornalismo literário e conduzi-lo-ia a uma cirurgia plástica renovadora sem precedentes. Mesmo no Brasil, é possível conjecturar que o novo jornalismo americano tenha influenciado dois veículos lançados em 1966 - portanto no auge da produção dos novos jornalistas americanos - que se notabilizariam exatamente por uma proposta estética renovadora: a revista Realidade, considerada a nossa grande escola da reportagem moderna, e o Jornal da Tarde.”⁵

Nos Estados Unidos, havia uma certa divisão entre os jornalistas, no sentido de que alguns eram responsáveis pelas chamadas matérias quentes, que ocupavam o espaço nobre dos jornais e diziam respeito aos furos de reportagem, à política, à economia, ao corrido cotidiano, enquanto outros escreviam as denominadas matérias frias, de interesse huma-

no, do social, ou, em outras palavras, aquilo que parecesse menos atraente do que uma grande tragédia ou do que o noticiário político. Estes últimos passaram a ousar, através do Jornalismo literário, mesmo porque detinham espaço um pouco mais livre. Foram os precursores de uma onda que influenciaria praticamente todas as esferas jornalísticas, a partir de então. Era uma época muito agitada, não faltava sobre o que escrever, afinal, a contracultura explodia na sociedade norte-americana. O resultado é que os repórteres passaram a trabalhar levando em conta não somente a objetividade da captação linear, lógica, mas também a subjetividade das suas impressões, das suas idéias, dos seus estilos, mergulhados que estavam no real.

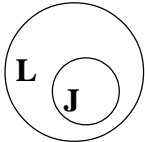
Inspirados no realismo social, utilizam quatro recursos técnicos básicos: o ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa, o registro fiel dos traços do dia-a-dia, a construção cena a cena dos acontecimentos, a anotação de diálogos completos. As reportagens vinham longas, profundas, cheias de vida.

No entanto, pelo final dos anos 70, o vigor do *new journalism* arrefece. Seu pano de fundo, o movimento *hippie*, ia esfriando. Alguns itens do *new journalism* eram, então, severamente combatidos - a estrutura estilística, o excesso de diálogos (até que ponto eram falas verdadeiras?), a possível composição de personagens. Seu grande mérito, não há dúvidas, foi o resgate do Jornalismo literário.⁶

Jornalismo literário que, portanto, vem procurando seu equilíbrio, entre a objetividade do real e a subjetividade do estilo, entre o jornalista e o escritor. O *new journalism* deixou suas marcas: a construção através de cenas, a escolha mais variada de perspectiva - angulação -, o aproveitamento mais dinâmico do diálogo e das vozes dos personagens, o uso de detalhes significativos do ambiente. Sua expressão máxima se dá através do livro-reportagem, que em breve será aprofundado.

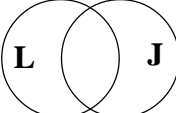
2. Esquema Gráfico e Didático

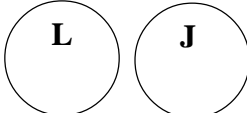
Após esta viagem no tempo, propomos o seguinte esquema, que mostra toda a permeabilidade da incestuosa relação entre o Jornalismo e a Literatura, em função do tempo. Atente-se para o ineditismo deste enunciado gráfico, resumo icônico que, decerto, facilitará o entendimento das históricas vinculações entre as áreas em questão.

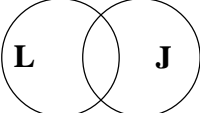
1.  Inicialmente, o Jornalismo estava contido totalmente nos domínios da Literatura. Os repórteres deste tempo são os grandes escritores, os poetas, os historiadores.

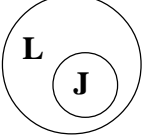
⁵ Edvaldo Pereira Lima, *op. cit.*, p. 146.

⁶ Fonte para observações sobre o *new journalism*: Edvaldo Pereira Lima, *op. cit.*, pp. 146-151..

2.  O Jornalismo foi criando seu corpo próprio, mas ainda bastante ligado a ela. Os grandes escritores atuam também na imprensa, que cresce, se moderniza, se industrializa.

3.  O Jornalismo se dissocia da Literatura, à medida em que se industrializa. É época pouco fértil, pobre, sem criatividade.

4.  O Jornalismo vai reatando suas relações com a Literatura, está amadurecendo, encontrando seu equilíbrio. A Interseção representa o jornalismo que fica. Os grandes jornalistas são também escritores.

5.  Será esta a tendência? Considerar-se como jornalismo aquilo que é feito com amparo nas letras, com estilo, sem, óbvio, esquecer das técnicas que lhe são inerentes? Discussão em aberto...

5. A LITERATURA QUE CORTEJA O JORNALISMO

Inicialmente, portanto, o Jornalismo se inspira na Literatura como um dos instrumentos para a confecção de suas atividades; depois, é a Literatura que acabará por se apropriar de características inerentes ao Jornalismo, como a reportagem, mais longa e aprofundada, da contemporaneidade social e a inclusão de marcas jornalísticas próprias, sinônimas de clareza e precisão.

O Jornalismo literário, com toda a sua eloquência e estilo, aliados à concisão e profundidade, produz matérias muito bem feitas, agradáveis de serem lidas. Estas matérias, geralmente mais longas, completas, têm seu lugar ao sol nos grandes jornais, nos periódicos semanais e em livros. No livro, aliás, a reportagem literária encontrou seu meio máximo de expressão. É o chamado livro-reportagem.

Ele representa um mergulho extensivo e horizontal no tema de que trata, quando são levantados dados, números, informações, detalhes que ampliam o conhecimento do leitor sobre o tema. Há também um aprofundamento intensivo e vertical, quando são apresentadas informações que lhe possibilitam aumentar, qualitativamente, o que o leitor sabe sobre o assunto, ou, em outras palavras, faz uma análise mais profunda de causas e conseqüências, efeitos e desdobramentos, repercussões e implicações.

Já faz algum tempo, o livro-reportagem vem sendo muito utilizado nos Estados Unidos e na Europa. Em termos

de Brasil, de uma década para cá, esta forma de expressão virou uma das formas mais interessantes de trabalho dos nossos bons jornalistas. Quando se tem um material vasto, com um assunto capaz de suscitar a atenção do público em geral, o livro-reportagem pode ser uma excelente opção. Este instrumento tem condições de servir de base para abordagens jornalísticas as mais variadas: biografias, memorialismo, depoimentos, ciência, história, denúncia, viagem, entre outras, todas alicerçadas em formas narrativas que traduzem realidades que ocuparam seu tempo e seu espaço.

Sem grande esforço e em espaço restrito ao Brasil, eis uma pequena exemplificação que certamente enobrecerá o nosso Jornalismo e a nossa Literatura: *A Ilha, Olga e Chatô, O Rei do Brasil*, Fernando Moraes; *1968: O Ano Que Não Terminou e Cidade Partida*, Zuenir Ventura; *O Anjo Pornográfico e Garrincha - A Estrela Solitária*, Ruy Castro; *Meninas da Noite e A Guerra dos Meninos*, Gilberto Dimenstein; *As Veias Abertas da América Latina*, Eduardo Galeano; *Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea*, Cremilda Medina; *A República na Lama*, José Nêumane; *Conversas com Vargas Llosa*, Ricardo Setti.

Saindo agora da esfera do livro-reportagem e avançando por áreas que têm lugar garantido no jornal, chegamos às crônicas. São frequentemente assinadas por jornalistas que já foram do duro batente, mas representam uma Literatura resultante da eloquência da pena jornalística e literária. E aí não há como esquecer Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Otto Lara Resende, Luís Fernando Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, Millôr Fernandes, Diná Silveira de Queirós e, pelo menos uma referência ao Ceará, Aírton Monte.

E quanto ao poema-reportagem? Um pouco mais complicado, tendo em vista que o poeta é aquele que, por natureza, mergulha na ficção, na fantasia, no imaginário. Amarrá-lo ao cotidiano não seria cortar-lhe as asas que lhe permitem alçar os olímpicos vãos? Por outro lado, aquele que se propuser a narrar os fatos através da poesia, tem que cuidar-se para não cair na poesia fácil e pobre, caso queira mesmo produzir algo de qualidade. Não se esqueça aqui de citar os grandes poetas épicos, Homero e Virgílio, bem como Luís de Camões. E ainda João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar e Tiago de Melo, representantes da poesia social que produziram verdadeiros poemas-reportagem.

6. CONCLUSÕES

Refletimos, portanto, acerca das quatro questões básicas acertadas no início deste trabalho - um jornalismo mais perene e qualitativo, sua tipificação como gênero literário, as inter-relações históricas entre o Jornalismo e a Literatura, a Literatura que busca suporte no Jornalismo. Não é demais observar que cada um destes pontos merece um esforço de verticalização - são construções que pedem para surgir no tempo futuro. Mas há ainda algumas considerações.

Será ciúme dos literatos, aqueles que, originalmente, já eram os senhores do verbo mas, aos poucos, vêem seu

espaço territorial como que invadido pelos jornalistas? Não queremos crer nisto, mas o fato de o Jornalismo ser aceito como Literatura tem gerado certa celeuma em alguns meios literários.

Um confronto muito do mesquinho, da mãe que recusa o filho que ela própria pariu. Ora, a relação mãe-filho sempre chega a um ponto que, parece-nos, bate com o atual estágio da convivência entre a Literatura e o Jornalismo: a mãe passa sua vivência ao filho e este, depois de crescido, já com maturidade, também influencia a mãe. Analogamente, é o que acontece na incestuosa relação entre a Literatura e o Jornalismo: aquela foi dando este à luz, num longo período de gravidez, e ele, já depois de independente, crescido, com idéias próprias, polígamo casado com a concisão, a eficácia, a profundidade e a segura apuração dos fatos, acabou voltando a lembrar que tinha mãe.

Quem sabe, aliás, não seja esta a tendência para o Jornalismo - a de enxergá-lo, o bom e verdadeiro Jornalismo, como subconjunto da arte literária? Algo como se o príncipe filho, já barbado e crescido, voltasse, nostálgico, ao aconchego do lar materno e de lá não mais quisesse sair.

Esqueça-se esta estéril contenda entre Jornalismo e Literatura. Não há o que ganhar. Nada está em disputa. O que temem os literatos? O surgimento de novos e bons escritores? O aumento da concorrência? Ponto para a arte. Quanto mais gente vislumbrar a arte como ingrediente para o trabalho, tanto melhor. Num mundo onde o trabalho é tão sacrificado, tão menosprezado, tão mal pago, adoçá-lo com uma pitada de arte, quem sabe não deixe os dois lados, tanto quem produz como quem contempla a produção, tanto o autor como o espectador, tanto o jornalista como o leitor, mais

felizes e satisfeitos. Tem prazer o jornalista que cria a sua arte. Tem prazer o leitor que se sensibiliza com a arte do jornalista.

7. BIBLIOGRAFIA

1. Apoio conceitual e teórico

LEFEBVE, Maurice Jean. *Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa*. Coimbra, Livraria Almedina, 1975.

LIMA, Alceu Amoroso. *O Jornalismo como Gênero Literário*. São Paulo, Editora da USP, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas - O Livro-reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.

MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1985.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária, Prosa II*. São Paulo, Cultrix, 1967.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística*. São Paulo, Summus, 1986.

2. Artigos

MEDINA, Cremilda. *Jornalismo e Literatura: Fronteiras e Intersecções* in Cadernos de Jornalismo. São Paulo, Editora da USP, 11, 25, junho de 1990.

OLINTO, Antônio. *Jornalismo e Literatura* in Ensaios. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1, 77, 1960.